

PAIDÉIA: EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E POLÍTICA NA GRÉCIA ANTIGA

Renato Gross - Doutor em Educação UNICAMP. Foi Professor do curso de Pedagogia OPET e do Mestrado em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná.

RESUMO

O iluminismo grego deu ao mundo um dos conceitos basilares da Filosofia da Educação Paidéia. O presente artigo examina os diferentes aspectos nele envolvidos. Como os Gregos o conceberam já no início mesmo de sua civilização e que permitiram as apropriações posteriores que dele fizeram um dos conceitos permanentes na lenta e longa evolução do pensamento educacional ocidental.

Palavras chave: paidéia, educação, pedagogia.

Neste artigo, é intenção do autor, traçar a genealogia – itinerário de um dos mais fundamentais conceitos de filosofia da educação – o de Paidéia, em conexão com a visão educacional, social e política gregas, do período arcaico ao clássico.

Para captar-se o início mesmo do conceito grego de Paidéia, há que se retroceder à educação aristocrática dos tempos homéricos. Naquele então, ela corresponderia aos métodos utilizados para assegurar a transmissão às sucessivas gerações, daqueles valores considerados essenciais – morais e religiosos principalmente – que servem de fundamento à sociedade. No grego, o vocábulo Paidéia se caracteriza por um duplo modo de emprego: como substantivo de ação e como característica final (produto, resultado) de um processo verbal. No primeiro caso pode-se encará-la como processo educacional em evolução (ação), e no segundo, como educação. O vocábulo também apresenta uma conotação diferenciadora dos âmbitos mente/corpo, permitindo a diferenciação entre as concepções de Paidéia-ginástica e Paidéia musical-filosófica.

Como ocorre freqüentemente com outras palavras derivadas do grego, Paidéia é mais que um vocábulo – é toda uma conceituação que nos permite traçar os momentos iniciais do pensamento educacional grego. Rastreado-se a palavra, iremos encontrá-la pela primeira vez em Aischylos com o significado de “criação de crianças” com ênfase na alimentação. Em Aristófanes e Tucídites, a ênfase se desloca para

os aspectos práticos da instrução e da especialização. (cf. RITTER; GRÜNDER, s.d. col. 35-39).

Werner Jaeger, autor do clássico *Paidéia*, referindo-se à educação grega nos tempos de Homero, fala de um código de nobreza cavalheiresca, regendo a vida do “homem nobre que, na vida privada como na guerra, rege-se por normas certas de conduta, alheias aos comuns dos homens” (JAEGER, 1986, p. 20); e lembra ainda que:

O sentido do dever é, nos poemas homéricos, uma característica essencial da nobreza, que se orgulha por lhe ser imposta uma medida exigente. A força educadora da nobreza reside no fato de despertar o sentimento do dever em face do ideal, que deste modo o indivíduo tem sempre diante dos olhos. (Ibid, p.20)

Corolário dessa nobreza idealizada e modeladora é que o homem grego primitivo cultivava a “ânsia de se distinguir e a aspiração à honra” - era aí que começava o valor: “honrar os Deuses e os homens pela sua arete”. Arete e *Paidéia* são conceitos inseparáveis na cultura helênica, mas os dois de tradução impraticável. Ambos os conceitos evoluíram, mas conservando sempre os sentidos de nobreza e de formação, indicando uma educação de espectro integral e tridimensional que visava a formação harmônica mente, corpo e coração. Em outras palavras, à uma formação intelectual, física e virtuosa.

Tais conceitos, encontrados na *Ilíada* e na *Odisséia* – poemas escritos ambos no alvorecer da Hélade – fixaram os ideais a serem buscados e desenvolvidos nos séculos seguintes. Plasmaram a *psyché* grega, helênica e ocidental. Têm, portanto, valores que lhe são extrínsecos, pela influência que exerceram na cultura ocidental, e justificam chamar-se Homero de “Educador da Grécia”, como aponta Platão na sua obra “*A República*”. Tal influência pode ser detectada na religião, na poesia, na língua, nos costumes e principalmente nos ideais que se expandiram a partir destas duas epopéias. No dizer de Pereira (1988, p.136), “... temos de reconhecer que a sua influência sobre a cultura grega, donde passa à latina, e desta à todas as culturas ocidentais dela derivadas, é um fato que não é demais sublinhar”.

Aponta Assa, (apud DEBESSE & MIALAERT, vol.2, 1974, p.8-14) que “os primeiros educadores gregos foram os poetas. Homero é o mais antigo, o mais lido, o mais comentado”. Havia ele fixado com o que um “espelho ideal” no qual deveria mirar-se todo grego que se pretendia *paidêutico* – um espelho que propunha um modelo que atendia às aspirações profundas do povo grego. Assa lembra mais: os poemas homéricos – é deles que os gregos ao longo de mais de um milênio tiraram tudo do que suas necessidades exigiam, e são eles também

que acompanharam toda a evolução do seu pensamento ao longo daqueles séculos. E Homero

... põe em cena dois heróis, que formam uma espécie de antítese, mas a completam profundamente: Aquiles e Ulisses. Aquiles é o guerreiro sublime, amante da glória, mas que não hesita em sacrificar a vida para não perder a honra. A nobreza militar das altas épocas, a cidade guerreira de Esparta, ou o comum dos cidadãos nele encontrarão o exemplo do super-homem por imitar, ou simplesmente por admirar.(...) Para aqueles a quem a virtude de Aquiles pudesse desencorajar um pouco, existia outro modelo, aparentemente mais acessível, e mais utilizável: o fino, o engenhoso Ulisses, o homem dos mil truques, o “vivo”, sempre capaz de safar-se de uma dificuldade, perfeito exemplo do saber viver e, em todo caso, de esperteza; a virtude heróica é completada pela sabedoria prática. (Ibid, p.9)

As narrativas tecidas em torno dessas duas personagens e a atmosfera de aventura, de heroísmo, de superação e de auto-superação que as envolvia, enchia de encanto, de admiração e de desejo de imitação heróica e mítica, tanto as crianças quanto os adultos da mais remota antiguidade grega. Na infância, na juventude e na maturidade, Homero estava sempre presente. Era dele o primeiro e quase sempre único livro de literatura que acompanhava o leitor por toda a vida. Dele se extraía Literatura, História, Geografia, Poesia, Teologia, Física, Moral. E em Aquiles, e mais tarde Telêmaco (filho de Ulisses), que, a par dos heróis acima citados, vai-se encontrar dois exemplos educacionais-pedagógicos. O primeiro é impulsivo – há que refreá-lo. O segundo é indolente – há que encorajá-lo. Ambos são confiados aos cuidados de preceptores, homens livres, de boa família, de boa reputação, que lhes ministravam ao corpo, ao coração, ao espírito..

É Telêmaco o primeiro de uma longa genealogia de jovens que saem em “viagem de formação”. Viagens quase sempre longas, cheias de peripécias, de vivências e experiências que ilustram um método pedagógico da jornada interior em busca das virtudes e do caráter.

Jaeger ressalta que em Homero, (cerca de 700 a.C.) uniram-se a ética e a estética, o divino e o humano, a harmonização da natureza e da vida humana, a poesia com o mito, a celebração da glória e o conhecimento do que é magnífico e nobre. Explica assim o vigor milenar dos escritos de Homero:

Mas só pode ser propriamente educativa uma poesia cujas raízes mergulhem nas camadas mais profundas do ser humano e na qual viva um ethos, um anseio espiritual, uma imagem do humano capaz de se tornar uma obrigação e um dever. (...) Por outro lado, os valores mais elevados ganham, em geral, por meio da expressão artística, significado permanente e força emocional capaz de mover os homens. A arte tem um poder ilimitado de conversão espiritual. É o que os gregos chamaram

psicagogia. Só imediata e viva, que são as condições mais importantes da ação educativa. (JAEGER, 1986, p.44)

A sociedade e as formas e estilos de vida que produziram os ideais de nobreza e de formação desapareceram, mas os ideais não. Estes resistem à passagem do tempo e permanecem como princípios paidêuticos. Ao tratar do seu povo, do seu lugar, do seu tempo, Homero atingiu o universal e o atemporal.

O que ocorreu com Homero, repete-se com Hesíodo (cerca de 800 a.C). O conceito de arete aristocrático, passa agora para aquele que trabalha e sua, o que, longe de ser uma maldição, é uma bênção:

É fácil alcançar a miséria. O caminho é desimpedido. E ela não mora longe. Os deuses imortais, porém, puseram o suor antes do êxito. A senda que a ela conduz é íngreme e comprida, e de início penosa. No entanto, quando tiveres chegado ao cimo, torna-se fácil, apesar de sua aspereza. (HESÍODO, apud, JAEGER, 1986, p.68-69)

Até então as atividades comerciais e industriais não eram contempladas no âmbito da educação grega. Heródoto assinalou que os gregos “têm em menor conta... aqueles que aprendem qualquer arte... mas consideram como nobre aquele que se abstém das artes manuais”. (apud MUNFORD, 1998, p.169) Plutarco, por sua vez, referindo-se à época de Sólon, lembra que “trabalho não era vergonha para ninguém, nem se fazia distinção com respeito ao comércio, mas o ofício dos mercadores era nobre”.(Id. p.169). Eram novos tempos, novas realidades sociais e econômicas a exigir formulações e reformulações novas num conceito que já se cobria com a poeira dos tempos – os limites da Paidéia se ampliavam. Voltando, porém, no tempo, em Esparta, o significado de arete, nos versos de Tirteu, assume uma conotação guerreira, pública, heróica, conservando todavia, a busca pela distinção por sobre os demais:

Não dará boas provas de si na luta se não for capaz de encarar a morte sangrenta na peleja e de lutar corpo-a-corpo com o adversário. Isto é arete – exclama comovido o poeta -, este é o título mais alto e mais glorioso que um jovem pode alcançar entre os homens. É bom para a comunidade, para a cidade e para o povo que o homem se mantenha com o pé firme frente aos combates e afaste da sua cabeça qualquer idéia de fuga. (JAEGER, 1986, p.83)

E Jaeger (1986, p.84) conclui que “para os Gregos, e mesmo para toda a Antigüidade, o herói é, pura e simplesmente, a mais alta forma de humanidade”.

Na época dos sofistas, surge a Paidéia do homem adulto:

O conceito que originariamente designava apenas o processo da educação como tal, estendeu ao aspecto objetivo e de conteúdo a esfera do seu significado, exatamente

como a palavra alemã Bildung (formação) ou a equivalente latina cultura, do processo da formação passaram a designar o ser formado e o próprio conteúdo da cultura, e por fim abarcaram, na totalidade, o mundo da cultura espiritual: o mundo em que nasce o homem individual, pelo simples fato de pertencer ao seu povo ou a um círculo social determinado. A construção histórica deste mundo atinge o seu apogeu no momento em que se chega à idéia consciente da educação. Torna-se assim claro e natural o fato de os Gregos, a partir do século IV, quando este conceito encontrou a sua cristalização definitiva, terem dado o nome de Paidéia a todas as formas e criações espirituais e ao tesouro completo da sua tradição... (JAEGER, 1986, p.245, 246)

Com os sofistas surge também o “ternário pedagógico” de vocação, instrução e exercício, com os quais a realização da arete passa a se constituir sobre as bases intelectuais. A sua instrução formal, abarcando o estudo da gramática, da retórica, da dialética e a transmissão do conhecimento enciclopédico, completa o trivium. Temos assim uma educação abrangendo aspectos informativos e formativos tridimensionais, conforme já visto. A estes, mais tarde, acresce-se o quadrvium, ou seja, a aritmética, a geometria, a música e a astronomia. Tem-se assim o embrião do conhecimento enciclopédico.

Com Demócrito (469-370 a.C.) a Paidéia assume a caracterização de uma educação espiritual, a qual se torna um bem inalienável de cada um. Diferentemente dos sofistas, cuja atividade educacional buscava a realização da vida prática/política, aqui educação presta socorro à vida enquanto “refúgio no infortúnio”. (RITTER; GRÜNDER s.d. col.36)

Chega-se, finalmente, ao século IV a.C. ao qual Jaeger denomina de época clássica da Paidéia, e a Grécia está sob a hegemonia de Atenas. Estamos nos séculos de Sólon, Péricles, Sófocles, Ésquilo, Fídias, Sócrates e Platão com toda a grandeza política que os caracterizara e que a arquitetura immortalizou e com o esplêndido florescimento que a Cidade-Estado experimentou. A “época clássica” da Grécia estava entrando para a História, e a coruja de Minerva alçando seu vôo derradeiro, ao anoitecer da civilização grega. Surgem agora novos personagens e novas classes sociais, que democraticamente aspiram a alternância no poder, circulam novas idéias, as crenças são substituídas. Surgem no proscênio Sócrates, Platão e Aristóteles. Vive-se na época do “Iluminismo Grego”.

Está-se agora entre os séculos IV e III a.C., e “a figura do filósofo tende a surgir como um novo modelo de homem, por vezes em alternativa com a imagem tradicional do cidadão”. (CAMBIANO, apud, VERNANT, 1994, p.97). Pois

... no Fédon, Sócrates é-nos apresentado na sua serenidade perante a morte, sem renegar a filosofia, precisamente como o hoplita sabia enfrenta-la combatendo pela

pátria. A integração da moral militar na moral filosófica triunfaria com o estoicismo, na figura do sábio insensível aos sofrimentos e indestrutível perante os golpes do destino. Também a função procriativa podia ser reabsorvida e transposta para outro nível: em Platão, exprimia-se através das metáforas da alma grávida de saber e levada a parir pelas hábeis interrogações filosóficas. A escola filosófica convertia-se no lugar de reprodução e de perpetuação de um novo modelo de homem. (Idem, p.97)

A polis grega está a exigir um novo tipo de Homem, que entendesse os mitos como fábulas alegóricas, que usasse a Retórica para bem expressar-se, que apresentasse domínio racional e que fosse ativo participante da vida na polis, para ser um “cidadão completo, plenamente instruído”. (TARNAS, 2000, p.45)

E Cambi relaciona esta nova realidade com a pedagogia ao referir que nessa época

Nasce a pedagogia como saber autônomo, sistemático rigoroso; nasce o pensamento como episteme, e não mais como éthos e como práxis apenas. A guinada será determinante para a cultura ocidental, já que reelabora num nível mais alto e complexo os problemas da educação e os enfrenta fora de qualquer localismo e determinismo cultural e ambiental, num processo de universalidade racional; e porá em circulação aquela noção de Paidéia que sustentou por milênios a reflexão educativa, reelaborando-se como Paidéia cristã, como Paidéia humanística e depois como Bildung. (CAMBI, 1999, p.87)

A parte final da citação acima como que assinala o trajeto do conceito de Paidéia. No período helênico, com Alexandre Magno, e a conseqüente helenização do mundo antigo, a formação paidêutica visava “a formação de um ‘homem completo’, moralmente desenvolvido, que não seja só um técnico, mas justamente um homem, nutrido de cultura antes de tudo literária e hábil no uso da palavra, consciente da tradição e que se faz ‘pessoa’, sujeito de caráter”. (Ibid, p.96) Em síntese, “um indivíduo em constante amadurecimento de si próprio, acolhendo em seu interior a voz do mestre e fazendo-se mestre de si mesmo”, (Ibid., p.88) como preconizado por Sócrates. Aliás Ritter e Gründer (Historisches... col.36) lembram que Sócrates entendia a educação “não como profissão, mas como vocação divina”.

Com isso, a orientação retórica da essência da formação da antiguidade se torna predominante. Ao programa de formação retórico-humanístico contrapõe-se o conceito filosófico-político de Paidéia, assim como ele foi traçado por Platão. E entre esses dois sistemas apresenta-se um conflito, que irá permanecer constitutivo da discussão na antiguidade: a questão se a verdadeira, isto é, a melhor Paidéia deve basear-se na retórica ou na filosofia. (RITTER; GRUNDER, col. 36) E mais:

O projeto público de Platão, que prevê o desenvolvimento gradual e progresso da educação é o primeiro programa de educação da cultura europeia. O curso fundamental educa no ensino da ginástica e da música, cuja forma filosófica e reformulada por Platão é estabelecida à partir da antiga Paidéia grega. O estágio seguinte, que corresponde ao ensino de formação geral dos sofistas, é concebido apenas como preparação para o degrau seguinte, que ensina a dialética, contando que ela sozinha permita a idéia do bem. Paidéia é entendida aqui como o processo abrangente de toda a vida, no qual o ser humano, ao contemplar a imagem do ser ideal, deve, analogamente, dar forma às suas próprias feições de modo elaborado.(...) Merece menção uma outra especificação, que é manifestada igualmente por Platão: Paidéia é defendida como um assunto que diz respeito ao ser humano e somente a ele. (Ibid, col. 38)

Ao defender o poder para os filósofos a utopia platônica está como que transformando o estado ideal em um lugar de educação universal transpondo o abismo entre espírito (Geist, em alemão) e o poder. Não se incorre em erro ao se afirmar que o lugar histórico de tal mediação é a Academia, na qual se tinha em mente, simultaneamente, a fundamentação da Paidéia na episteme e a pretensão de uma realidade política transformada. Pois na Academia, ao mesmo tempo monastério e universidade, a Paidéia clássica ganha dimensões metafóricas e espirituais mais profundas “pregando o ideal da perfeição interior realizada através da educação disciplinada”. (TARNAS, 2000, p.59) Na República platônica os ilustrados assumem o poder para possibilitar a formação do caráter dos subalternos segundo a imagem ideal do ser humano. Ao final de todo este processo formativo e educacional está o homem gebildete, aquele que passou pela Bildung, apropriação alemã da Paidéia – ei-lo educado, instruído, culto. Isto indica como que um quase impossível alargamento do conceito, já que a Paidéia incorpora, à partir daqui, as noções de civilização e cultura.

No helenismo, o significado que é atribuído à noção de Paidéia, encontra sua expressão em uma fórmula que Ritter e Gründer (s.d. col. 38) assim resumem: “o mais precioso bem que foi dado aos mortais” (grifo acrescentado), e que, segundo ele, era uma fórmula freqüentemente utilizada na época.

Com a expansão do helenismo e do seu pensamento educacional, Paidéia passou a expressar a cultura e a civilização gregas. Em Jaeger, a própria história grega é estudada à luz dos conceitos educacionais paidêuticos. E Tarnas completa: “A Paidéia grega florescia. Assim, a antiga realização helênica foi escolasticamente consolidada, estendeu-se geograficamente e sustentou-se com vitalidade pelo restante da era clássica”. (TARNAS, 2000, p.97)

Creemos haver conseguido deixar evidente como que a Paidéia foi se constituindo pouco a pouco como um genuíno sistema educativo que veio a constituir-se em teoria e modelo matriz da educação ocidental.

Como menciona Marrou (apud FINLEY, 1988, p.228): “Sua inspiração conserva um valor permanente, o de uma educação, uma cultura que tem por meta o treinamento do homem como tal, do homem total, e não de um mero produtor, consumidor, um mero dente na engrenagem da economia industrial”.

Já em Roma, a Paidéia grega recebe, por Cícero, o nome de Humanitas e passa a servir de base e fundamento para a educação liberal e clássica da aristocracia romana. Mas a História avança e aproximadamente cinco séculos após a “idade de ouro” de Atenas, os cristãos se apropriaram da teorização da Paidéia e a reelaboraram à sombra da cruz. Atenas, Roma, Jerusalém. Tem-se assim três etapas da conceituação paidêutica que formou a base conceitual da educação ocidental por milênios.

REFERÊNCIAS

- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- DEBESSE Maurice. **Tratado das ciências pedagógicas**. Vol. 2. Trad. de Luiz Damasco Penna e J.B. Damasco Penna. São Paulo: Editora Nacional, Ed. da USP, 1974. (Col. Atualidades Pedagógicas).
- FINLEY, M.I. (org.). **O legado da Grécia: uma nova avaliação**. Trad. Yvette Vieira Pinto de Almeida. Brasília: Editora UnB, 1998.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- MUNFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Trad. de Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história clássica: Ivol. Cultura Grega**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.
- RITTER, Joachim; GRÜNDER, Karlfried. **Historisches Wörterbuch der Philosophie: unter Mitwirkung von mehr als 1200 Fachgelehrten**. Basel: Schwabe & Co.AG, s.d., col.35-40.(vol.7-P-Q)
- TARNAS, Richard. **A epopéia do pensamento ocidental: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo**. Trad. Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- VERNANT, Jean Pierre. (org.). **O homem grego**. Lisboa: Ed. Presença, 1994.